

CAPÍTULO 5

RELATO DE EXPERIÊNCIA BIBLIOTERAPÊUTICA NO PROJETO RESSIGNIFICANDO HISTÓRIAS

REPORT OF BIBLIOTHERAPEUTIC EXPERIENCE IN THE RESIGNIFYING STORIES PROJECT

Maria Cristina da Costa¹ 

1 A IDEIA

Particpei de um treinamento pela *Associação Viva e Deixe Viver*, para contar histórias em hospitais para crianças internadas. Esse foi o meu primeiro contato com a biblioterapia. Logo depois, um curso com a mestra Cristiana Seixas sobre o tema. E descobri que biblioterapia é a janela para uma escuta sensível, delicada... pensei nos meus pais, cheios de histórias para contar.

Somos recheados de histórias, e de experiências, ainda que algumas remetam a situações difíceis, dolorosas. E muitas das vezes estão presas, quase que incomunicáveis, conforme nos diz Viviane Mosé no poema **‘Receita para arrancar poemas presos’**, do livro **‘Pensamento Chão’**:

Muitas doenças que as pessoas têm
são poemas presos
abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras

¹ Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1121-6654>.



calcificadas
poemas sem vazão.
[...]

O encontro com a biblioterapia, me despertou para buscar um espaço para oferecer cuidado, a disponibilidade de um afeto, e percebi que isso poderia ser exercitado junto a pessoas acamadas.

Com esse despertar nasce o projeto *Ressignificando Histórias*, com o desejo profundo de conhecer o mundo interno, - mais profundo de quem está “fora do mundo” - das pessoas que por alguma impossibilidade física não estão em contato direto e constante com o mundo externo, mas que possuem a riqueza do mundo interior para ser explorada, revelada, valorizada. E que tem dores, feridas e conquistas que nem sempre conseguem ser percebidas.

O projeto surge com o intuito de levar a biblioterapia, de forma voluntária, aos lares de pessoas que por algum motivo estavam isoladas em casa, por não terem autonomia para o contato social espontâneo, como veremos mais adiante.

De acordo com o Dicionário *online* de Português, “**Ressignificar**: é um verbo transitivo que caracteriza a ação de atribuir um novo significado a algo ou alguém.” A partir desses dois pontos, a riqueza interior e suas feridas (ou entraves), podemos utilizar um importante e valioso caminho, com a contação de histórias, para serem trilhadas juntas, de mãos dadas, rumo aos corações, ao interior rico que muitas vezes são tesouros desconhecidos. E assim, seguir resignificando histórias, dando um novo sentido, ou um novo olhar para uma vivência, curando uma ferida ou se encantando com os caminhos já percorridos reconhecendo os ganhos, acolhendo as perdas, se apaziguando ou se celebrando.

Os verbos são tatear, espreitar... procurar... “Onde está a alma?”
Acolhendo as sombras como oportunidade de luz. Observando,
com os sentidos aguçados, como os olhos reagem, as mãos, o
corpo, a respiração... é um olhar delicado e minucioso para cada
movimento minúsculo ou maiúsculo!

(autoria própria)



Cristiana Seixas no seu livro *Vivências em Biblioterapia* (2014, p. 37), diz: “Os livros e as palavras são como os barcos que auxiliarão nas travessias necessárias, seja em mar calmo ou no meio das tempestades.” As histórias dos livros, dos contos fazendo contato com as histórias pessoais e numa escuta ativa, uma abertura à fala do outro e ao gesto do outro, descobrindo um novo significado para as vivências e experiências que deixaram marcas por deleite ou por dor.

2 O SEMEAR

A semente do **Ressignificando Histórias** foi crescendo, ganhando corpo, e me inspirando. As perguntas começaram a surgir, era necessário frutificar, permitir que as sementes voassem, e se transformassem em frutos, e que fossem saboreados por quem estava com algum impedimento de saborear as frutas oferecidas livremente.

Como oferecer o **Ressignificando Histórias?** pela sua característica, o projeto só poderia acontecer no local onde as pessoas estivessem acamadas ou em afastamento social. E como ter contato com essas pessoas? Busquei pessoas amigas com quem pudesse partilhar essa experiência, logo foi possível compartilhar o projeto com pessoas acamadas com isolamento social e limitações físicas.

O início do processo se dá com uma conversa com a pessoa da família para saber detalhes da pessoa que participará do projeto. Quais suas condições físicas? O que levou a pessoa àquela condição? E outras questões que possam descortinar o interior da pessoa para conduzir os nossos encontros e ir aguçando nossos sentidos, espreguçando.

Comecei então, a garimpar os livros, com um olhar sensível, fazendo o exercício do que pode encantar quem não pode se expressar. Os livros *infans* se oferecem brilhantemente para esse propósito.

É necessário ter muito cuidado com a chegada, o ambiente é a casa da pessoa, é preciso cerimônia de respeito e delicadeza. A sutil presença e a força do encontro!



voltar ao momento vivido e ter contato com a emoção, e com um novo significado, se assim fosse possível.

Durante um tempo levei algumas lembranças para a caixinha, depois percebi que a caixinha não tinha tanto significado, e sim os livros, as histórias, as poesias. Deixei a caixinha na memória, como um símbolo do projeto.

4 EXECUÇÃO

Como fazer essa tecitura? Era necessário conhecer as histórias de vida da pessoa em detalhes e com todo o cuidado. Registrar fielmente esses relatos. E depois deixar fluir a inspiração e seguir a intuição sobre quais livros podem fazer a ponte entre o coração, a boca e os ouvidos.

Elen estava acamada há algum tempo e o seu contato social era restrito à família e cuidadoras. Apresentava um quadro de demência vascular, e sequelas de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico. De acordo com o Ministério da Saúde, o AVC isquêmico é um acidente vascular que se dá por obstrução de uma artéria, impedindo a passagem de oxigênio para células cerebrais, que acabam morrendo. Elen, não falava, tinha os movimentos do corpo muito limitados e pouca interação com o mundo externo.

Logo depois levei o projeto para a Maria da Luz. Maria teve um AVC e ficou com comprometimento da fala e lado direito do corpo, depois teve uma trombose. Com o AVC ficou com a mão direita muito comprometida, se sentia entediada e meio apática. Um dia teve acesso ao barbante, e assim recomeçou o crochê, como não tinha o movimento perfeito da mão direita, se concentrou na reabilitação dessa mão para manter a atividade que ela tanto gosta.

Ela faz crochê sem agulha, utiliza os dedos para “trançar” seus tapetes, e tem muito orgulho das peças que confecciona, e de tudo que realiza.

Essas experiências me fizeram ter percepções que até então estavam ‘apagadas’ do meu sentir. E pude experienciar e perceber que há uma vida além do corpo. A vida pulsa, vibra, e se expressa como é



possível, pelo olhar, pelo toque, conforme as batidas do coração... eu vi a vida além do corpo. Foi emocionante, foi grandioso, foi inesquecível! “Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo.” Já dizia Bartolomeu Campos de Queiroz, no livro ‘Os Cinco Sentidos’.

Assim, mesmo para quem não tem contato verbal e quase nenhum cognitivo, fico com a percepção de que Elen está presente todo o tempo, e que em alguns momentos quer me dizer alguma coisa que não sei o que é. Como escutar quem não fala? Preciso aguçar meus ouvidos, os olhos, as mãos, o cheiro, a pele, a intuição, a alma... O aguçar desses sentidos me fará ouvinte, ouvinte e presente... ouvinte e compartilhante...

Ouvir quem não fala não está no campo do físico, nem do químico, nem do transcendental, nem no espiritual, está no campo da humanidade, porque em algum momento eu também não falo, e às vezes nem me ouço! E nem estou impedida fisicamente disso. Acabo por fim ficando no mesmo lugar que ela, porque às vezes falar com a boca é enfadonho, é cansativo, é desinteressante. O melhor mesmo é falar com os olhos, como diz Bartolomeu Campos de Queiroz, na página 6 do livro ‘O Olho de vidro do meu Avô’ “se alguém nos olha, nos multiplica”, é mais interessante, mais rico, mais encantador! Preciso compartilhar com ela, o encanto da conversa com os olhos...com as mãos.

O nosso contato é muito gratificante, ela me olha com profundidade quando pego sua mão. Porque afinal não vou tratar do seu corpo físico, nada de fisioterapia, ou de higiene, o nosso toque é de encantamento, de música, leveza, quando a mão dela “voa” devagar, é um voo arriscado, ousado e cuidadoso, e sereno! Dá prazer para nós duas.

Essa integração de almas que se faz aos pouquinhos me traz muita gratificação pelo encontro. E tenho certeza de que ela também se sente em um mundo mais colorido, mais poético, mais livre e leve! É necessário levar sempre a poesia, os desenhos, as músicas... Elen merece muito encantamento nesses dias!



[...] quando a pessoa adoece e precisa ficar de repouso ou internada. A doença reconfigura o ritmo da vida. Impõe restrições, convida à reflexão e revisão de valores e prioridades. Impede o desvio da atenção do que nos aflige e nos coloca cara a cara com nossa finitude... incorporar a prática da biblioterapia nestas condições é contribuir para a saúde emocional e mental, essenciais para cuidar do humano (Seixas, 2014, p.83).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto **Ressignificando Histórias** me trouxe uma experiência ímpar. Como ouvir quem não fala? A importância de uma escuta ativa, sensível, respeitosa. Conhecer histórias de superação e vontade de continuar, ainda que o cenário aponte o contrário.

Alguns aprendizados foram fundamentais para a continuidade:

- Não há um livro específico para essa ou aquela conversa, é inspiração, é sensibilidade, é olhar para os livros e quase formular uma pergunta: “quem vem?”;
- As histórias são sempre únicas, embora possam parecer iguais;
- Cada pessoa tem um infinito de possibilidades de viver e de se relacionar com cada momento da sua vida;
- Não existe resposta certa, é deixar fluir;
- Nem tudo tem resposta, ou precisa de resposta....

É uma biblioterapia de fruição, deixar fluir, não sei o que vai acontecer, não sei como vai acontecer, um pleno exercício da liberdade, da imaginação do transbordamento, da alegria e da oportunidade de seguir **“Ressignificando Histórias”**.



REFERÊNCIAS

COLE, Babette. **A Princesa Sabichona**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DICIONÁRIO ONLIDE DE PORTUGUÊS. Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/ressignificar/>

MACHADO, Regina. **O violino Cigano, e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomou Campos. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Global editora, 2021.

QUEIRÓS, Bartolomou Campos. **Os Cinco Sentidos**. São Paulo: Global editora, 2009.

ROSCOE, Alessandra. **Caixinha de Guardar o Tempo**. São Paulo: Gaivota, 2012.

SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura**. Niterói. C. Seixas, 2014.